

SOARES, F. Camões. Correio Popular, Campinas, 22 maio 1976.

Precisamente há meio século, a Sociedade Luiz de Camões era dirigida pela fina flor da laboriosa colônia lusa. Joaquim Duarte Barbosa, Fernando da Cruz Passos, Eurico Vilela, João Ribeiro, Julio Mota, Alberto Pinheiro e outros mais, todos conceituados comerciantes. Na diretoria, era eu o único jovem (vinte primaveras), cuidava da biblioteca. A orquestra obedecia os comandamentos de Ana Gomes, irmã do genial Tonico de Campinas. Nas tardes ou noites festivas, sentia prazer quando me debruçava no balaustre que separava o salão da orquestra, para um gostoso bate-papo com Ana Gomes. Franzina, tez morena, vestido preto ou cinzento, muito lúcida, amável e risonha, contava-me fatos interessantes ligados a vida de Carlos Gomes.

Tantos anos envoltos nas brumas do passado, umas das saudosas reminiscências machucou o meu coração por ocasião das solenidades na Academia Campinense de Letras. A

C A M Õ E S

F. SOARES

22.5.76

Correio Popular

cabeça de Luiz de Camões, na época em gesso. Tratei-a sempre com excepcional carinho. Não permitia que o pó a enfeiasse. Gratíssima constatação, é a mesma cabeça ora fundida em bronze. Como foi parar ali? Esclarecimentos, demarches, não para vangloriar-me, apenas para assinalar mais um capítulo no livro da minha vida. A construção do imponente edifício estava na fase final. Um encontro fortuito na cidade, com o consul de Portugal, José Martins de Oliveira, foi o começo do fim. Falou-me que estava as voltas com um problema: precisava atender uma solicitação — conseguir uma cabeça de Luiz de Camões. Acudiu-me no momento um pensamento, prometi ajudá-lo. Ao anoitecer fui ao encontro do

advogado Elton Cesar, que sabia presente na atual sede. Acolhida amiga. Ventilei o assunto, apontando para a cabeça do poeta, em cima de um móvel. Compreensão, espontaneidade, promessa. Após uma semana doação decidida. Del imediato encaminhamento ao consul amigo, ao Presidente da Academia Campinense de Letras, Lycurgo de Castro Santos Filho. Esta folha abordou o assunto. Tomando conhecimento dessa doação, o governador da cidade, Lauro Péricles Gonçalves incumbiu Elton Cesar ir a São Paulo, procurar uma determinada indústria, fundir em bronze a cabeça em apreço. Belo gesto, culturalmente falando, desse operoso prefeito que se elegeu pa-

ra servir a cidade, o povo e a cultura nas suas várias manifestações.

Nessa mínima participação, inexiste como acima esclareço, nenhuma sombra de envaldecimento, mas sim a gratíssima oportunidade que se me ofereceu para dar um brando mergulho num passado que "non ritorna più".

Da poltrona, nos dois períodos festivos, fixando os olhos na cabeça agora luzidia do poeta portugueses, recordei mentalmente o que havia lido sobre a vida atormentada do autor d' "Os Lusíadas".

Adversários, intrigas, prisão, tudo suportou com estoicismo. Abraçando a

carreira das armas, na re-frega de Mazagão com os árabes perdeu o olho direito. Em 1559, quase morreu afogado quando se dirigia a Goa. A embarcação, naufragou na foz do rio Mecong. Nado desesperadamente, salvou-se, bem como o poema que o imortalizou que chegou a molhar-se. Em 10 de junho de 1580, morreu agustado num hospital, ao saber do desastre de Alcácer-Quibir — a Espanha dominando Portugal.

Campinas, não o esqueceu, numa das suas praças ergueu um monumento, ostenta o seu busto. O poeta Coelho Neto, também o enalteceu, escrevendo estas belas palavras: — "Portugal e Brasil, são as duas capas de um livro imenso, unidas pela carneira verde do Oceano, contendo, em texto, o mesmo poema, que é a Bíblia vernácula dos dois povos, e esse poema ocupa o centro do altar da Raça, não é outro — vós o sabeis — senão "Os Lusíadas".